

O lado fraco de FH

20 DEZ 1996

O significado de crise, no ideo-gramma japonês, indica a possibilidade de vida nova, alternativas, oportunidades. Algo como recriação, a partir do choque das formas ou da impossibilidade de convivência entre partes que formam um todo. A teoria cibernética, por sua vez, oferece o conceito de entropia, entendido como medida de desorganização de um sistema. Esses dois conceitos cabem como uma mão na luva para radiografar a alma política de Fernando Henrique Cardoso.

Com o poder de que dispõe, o presidente tem condições de juntar contrários, atenuar dissensões, influenciar comportamentos e abrir oportunidades para seus projetos. Mas a lógica de deixar que o tempo engendre soluções acaba lhe conferindo o perfil de vacilante. Por isso, FH é entrópico, ou seja, um vetor que não se move e, por isso, induz ao caos.

Quem tem um Plano Real para exhibir e uma inflação controlada não pode ficar à mercê de intempé-



A crise no governo se deve à ineficácia da coordenação política

ries passageiras da vida política. Listas com nomes de parlamentares endividados e extorsões no balcão do Orçamento não deixam de ser questões importantes. A insensibilidade presidencial, porém, adensa as pendências, permitindo que fatos secundários acabem assumindo posições centrais. É inconcebível que uma lista de deputados vedadores dite a pauta política, quando se sabe que dever dinheiro, neste país, se tornou

prática generalizada. Preparada às escondidas, vazada, a lista é a extensão da engenharia de fofocas que alimenta o poder informal, contaminando os poros do governo.

Onde está a insensibilidade de FH? Está na ausência de tempestividade — agir rápido no lugar certo —, na falta de tato, nas indefinições e na incoerência. Se agisse com rapidez, Iris Resende (PMDB) não seria candidato à presidência do Senado. Hoje, a candidatura é uma ameaça ao equilíbrio das bases governistas: o anúncio de fechamento de 500 agências do BB e da

Caixa, num momento de grandes demandas regionais, caiu como uma bomba sobre as bases parlamentares; o falastrão Bresser Pereira atira contra o STF e depois pede desculpas; o Palácio do Planalto transforma-se em campo minado de disputas pessoais, com certa complacência presidencial; no PSD, partido de FH, conhecido pela defesa que faz de valores éticos, programáticos e conceituais, um de seus quadros, Wilson Campos, comprometido exclusivamente com o fisiologismo, faz campanha para presidência da Câmara com um programa na base de cachaça, mangas e promessa de aumento de salários.

O imbróglio principal está na costura política para a presidência do Senado e da Câmara, mais um aspecto que acentua o espírito tibio de FH, que se encontra numa encruzilhada, pela inércia. Se permanecer neutro, dará a Iris a possibilidade de se tornar presidente do Senado, jogando ACM, cuja personalidade forte lhe causa medo, e seu filho Luís Eduardo no campo adversário. O desmonte das bases governistas será a consequência. O PMDB, ameaçado de perder a presidência da Câmara, poderá se juntar ao PPB de Maluf para derrotar a emenda da reeleição, num segundo

turno. Afinal, os parlamentares do PMDB, somados aos do PPB e aos da esquerda, chegam a cerca de 300 votos, número suficiente para eleger o presidente da Câmara.

Não há como deixar de se observar: a identidade política do governo está se esfacelando. O ministro Luiz Carlos Santos, até por questões de atritos pessoais com setores importantes, não agrupa simpatias nem adensa as bases. Trata-se de figurante polêmico no meio de complicações que estiolam a imagem do governo.

A linguagem da administração é um mosaico de divergências. Os vazios no Ministério evidenciam a tartamudez de grupos desconjuntados. A crise no governo FH se deve à ineficácia da coordenação política, que vem se arrastando há muito tempo. O responsável por tudo isso é o próprio presidente, sem dúvida um homem altamente qualificado, porém mau operador político. É flagrante o contraste entre a fortaleza conceitual do Plano Real e a fragilidade tática da administração política. Por isso, o lado fraco de FH corriu a emenda da reeleição. Parece impossível, para ele, fazer do limão uma limonada.

■ **Gaudencio Torquato, jornalista, é professor titular da USP e analista político**